

Sufoco para estudar

MÁRIO COELHO E
GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

Recreio diferente na Escola do Padef, no Núcleo Rural do Paranoá. Em vez de deixarem os alunos soltos no pátio, as professoras preferem trocar os intervalos por atividades em sala de aula ou passeios no parque do Centro de Tradições Gaúchas, ao lado do centro de ensino. Ali, as educadoras temem o parquinho e seus brinquedos destruídos e enferrujados. "Minha professora não deixa a gente brincar porque acha que a gente pode quebrar o braço e se machucar", disse Gabriela Ribeiro dos Santos, 6 anos, que concluiu o segundo ano do jardim de infância em 2006.

O parque em péssimo estado não é o único problema da escola, que atende 1,5 mil alunos e é o maior colégio rural do Distrito Federal. Boa parte das janelas está quebrada; falta pintura e o mato cresce à vontade no pátio principal. Quando chove, o jardim entre o bloco da administração e a cantina fica alagado. No muro, que deveria proteger as crianças, não faltam buracos. Um pedaço de caixa de papelão foi usado para tampar um rombo de 50cms no teto de uma das salas de aula. "Precisamos de reforma e ampliação urgentemente", afirmou a diretora interina da Escola do Padef, Maria Helena Cerutti.

As mães dos alunos compartilham do medo das professoras. "É vidro quebrado, é parquinho que não funciona. A gente fica com medo, mas é a única escola próxima", resignou-se Maria Helena Ribeiro dos Santos, mãe de Gabriela. Ela lembra que não existe transporte escolar na época de chuva. Assim, as crianças têm que enfrentar a lama para estudar. "A gente é obrigado a sair de casa e levá-las até a escola. Protejo minha filha com o guarda-chuva e fico toda molhada", reclamou a mulher.

Reformas

A Escola do Padef não é exceção. Segundo estimativa do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro), aproximadamente 70% de todas as instituições públicas de ensino da capital do país possuem problemas estruturais — são 697 no total (confira quadro). Faltam giz, material de limpeza, computadores e manutenção dos prédios. "Isso sem contar com as faltas constantes de água, de luz", acrescentou o diretor do Sinpro, Carlos Garibel.

Na Quadra 12 de Sobradinho, o empresário Balduíno Ferreira Pessoa Junior, 37, olha pela janela de casa e se lembra dos três anos que estudou no colégio em frente, a Escola Classe 11. Recorda também que seu filho Ian Victor, 8, teve que trocar de colégio no meio do primeiro semestre letivo de 2004. Isso porque o centro educacional, primeiro da cidade, foi fechado para reformas. As crianças foram espalhadas para as outras escolas de Sobradinho.

A escola está fechada desde então. Hoje, com os portões trancados com cadeados, virou ponto de venda e uso de drogas. Todas as janelas e portas estão quebradas e o mato invade o prédio. Da rua, é possível ver os buracos

Iano Andrade/CB



FECHADA DESDE 2004, A ESCOLA CLASSE 11 DE SOBRADINHO FOI TOMADA PELO MATO E, SEGUNDO COMUNIDADE, É USADA PARA O CONSUMO DE DROGAS

CAOS À VISTA

12 DE FEVEREIRO

é a data de início do ano letivo 2007 na rede pública de ensino do Distrito Federal

4 MIL

é a atual necessidade de professores, o que corresponde a 13% do total de docentes

487

colégios têm problemas de infra-estrutura, o que representa 70% do total

557

dos centros de ensino não estão com as bibliotecas funcionando por falta de bibliotecários

Fonte: Sindicato dos Professores do DF (Sinpro)

Daniel Ferreira/CB



NA ESCOLA DO PADEF, PARQUINHO VIROU AMEAÇA PARA CRIANÇAS

Daniel Ferreira/CB



AS JANELAS QUEBRADAS TAMBÉM REPRESENTAM RISCO AOS ALUNOS

no teto. O que antes eram salas de aula, está tomado pela água das chuvas. "É preciso colaboração do poder público. Do jeito que está, é uma vergonha", reclamou Balduíno. Dono de um bar em frente à escola, Valdemar Vital da Costa, 40, mantinha duas filhas matriculadas no colégio. Ele não se recorda quando as meninas foram transferidas. "Será que vai ter reforma? Já faz tanto tempo que prometem e não cumprim", comentou.

Promessa
Segundo a secretaria de Educação do Distrito Federal, Maria Helena Guimarães, o governo considera prioridade a reforma de 10 colégios — entre eles, a Escola Classe 11 de Sobradinho. A secretaria afirma que a licitação para as obras já está em andamento. Além disso, pequenas obras de manutenção e limpeza serão feitas em todas as escolas do DF até 12 de fevereiro. O trabalho será executado

por empresas que já tinham contratos de manutenção com o governo passado.

Maria Helena também afirmou que há, no DF, 20 escolas em situação precária. As quatro escolas de lata ainda em funcionamento devem ser substituídas. A licitação para as obras também começou na gestão de Maria de Lourdes Abadia, de acordo com a atual secretaria de Educação.

Outro desafio do novo governo é lidar com as matrículas de

novos alunos, que não param de crescer. Até agora, 50.156 estudantes foram inscritos pelo serviço de telematriz, mas 6.391 crianças de 4 e 5 anos não conseguiram vagas na educação infantil.

A matrícula delas não é obrigatória e o governo calcula que seja necessário investimento de pelo menos R\$ 45 milhões para atender à demanda com a construção de novos colégios e a contratação de pessoal. No entanto, não há dinheiro em caixa.